

“Nos recomenda toda a brandura com esta gente”: a sedução e persuasão nas jornadas meridionais (1844-1857)

"Recomendamos tudo para brandura com essas pessoas": a sedução e persuasão nas jornadas meridionais (1844-1857)

Jessica Caroline de Oliveira¹

Resumo

Este trabalho é um convite para refletir sobre as formas de diálogo entre grupos indígenas e não-indígenas nos sertões meridionais em meados do século XIX. Para tanto, selecionou-se um conjunto de fontes produzidas por dois sertanistas que percorreram as rotas terrestres e fluviais que ligavam Curitiba ao Baixo Paraguai, cujo intuito era mapear, descrever e catalogar as formas, as paisagens e as gentes que viviam e circulavam por estes espaços. Mais tarde, as narrativas de Joaquim Francisco Lopes e John Henry Elliot foram publicadas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, intituladas como “Jornadas Meridionais”, as quais, dentre outras coisas, apresentavam um mosaico de experiências tecidas com os grupos indígenas, sendo este, o foco desta análise. Dito isso, pretende-se discorrer sobre o modo como eles utilizavam a doação de brindes como estratégia de sedução e persuasão aos nativos, como também, a maneira como era representada a recepção indígena. Isto é, a discussão que objetiva-se fomentar está vinculada a olhar este processo histórico muito além de uma doação ou troca de objetos, pois entende-se que as narrativas refletem um contexto de possíveis diálogos entre mundos distintos e táticas que serviam enquanto ponte para cruzar e mediar um universo cultural ao outro. Para o aporte teórico contar-se-á com Paiva (2003), Henrique (2017), Oliveira (2018), entre outros.

Palavras-chave: Indígenas; Sertanistas; Sertões Meridionais; Brindes.

Resumen

Este trabajo es una invitación a reflexionar sobre las formas de diálogo entre grupos indígenas y no indígenas en el interior del sur a mediados del siglo XIX. Para ello, se seleccionó un conjunto de fuentes elaboradas por dos sertanistas que recorrieron las rutas terrestres y fluviales que unían Curitiba con el Bajo Paraguay, cuyo propósito fue mapear, describir y catalogar las formas, paisajes y personas que vivían y circulaban por ellos. Posteriormente, las narrativas de Joaquim Francisco Lopes y John Henry Elliot fueron publicadas en la Revista del Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, titulada “Jornadas Meridionais”, las cuales, entre otras cosas, presentaban un mosaico de vivencias tejido con grupos indígenas, siendo este, el foco de este análisis. Dicho esto, la intención es discutir la forma en que utilizaron la donación de obsequios como estrategia de seducción y persuasión a los indígenas, así como la forma en que se representó la recepción indígena. Es decir, la discusión que se pretende propiciar está vinculada a mirar este proceso histórico mucho más allá de una donación o intercambio de objetos, pues se entiende que las narrativas reflejan un contexto de posibles diálogos entre mundos y tácticas diferentes que sirvieron de puente para cruzar y mediar un universo cultural a otro. La contribución teórica incluirá a Paiva (2003), Henrique (2017), Oliveira (2018), entre otros.

Palabras clave: pueblos indígenas; Sertanistas; Tierras del interior del sur; Regalos.

¹ Doutoranda em História, Poder e Práticas Sociais pela Unioeste. Possui Mestrado em História, Cultura e Identidades e Especialização em História, Arte e Cultura pela UEPG. União da Vitória, Paraná, Brasil. jexxy_kahroll@hotmail.com

1. Introdução

As Jornadas Meridionais expressam as flutuações que a questão indígena operacionalizava no seio da sociedade brasileira do oitocentos. Isso se deve ao fato de que foram textos gestados a partir de uma orientação metodológica que almejava mapear, descrever e catalogar elementos que eram interessantes e que possuíam uma finalidade prática: desenhar os sertões meridionais destacando as qualidades dos espaços e dos sujeitos que nele habitavam. É dentro desse contexto que João da Silva Machado, o barão de Antonina, patrocinou diversas viagens exploratórias aos sertões meridionais, entre os anos de 1844 a 1857, que contaram com o comando de Joaquim Francisco Lopes e John Henry Elliott, além da participação de alguns outros camaradas.

O contexto destas viagens, segundo Oliveira (2018), acompanhava os debates indigenistas orquestrados pela elite intelectual e política do oitocentos, o qual almejava integrar as nações indígenas à sociedade envolvente, a partir de planos e projetos que visavam o uso da brandura e da constância como estratégia para gerar um diálogo intercultural. Para tanto, havia incentivos e patrocínios para que viajantes e sertanistas se aventurassem por estes espaços, registrando suas impressões e observações acerca do encontrassem, fosse em relação à fauna, flora e/ou grupos humanos, cujo teor narrativo interessava aos sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que, além de publicar o conteúdo em sua Revista, utilizavam as informações para tecer medidas que se vinculavam aos escopos do progresso e da história nacional. Neste sentido, entre os exemplos citados por Elliott e Lopes, se faz notória as representações dos elementos supracitados e, mais do que isso, descrições que revelavam aspectos específicos da maneira que utilizavam para se aproximar e criar laços de amizade com os nativos, como o uso da sedução e da persuasão.

Face a estas colocações, Henrique (2017) destaca que os desígnios ligados às premissas de seduzir e atrair as nações indígenas utilizando-se de brindes, fomentava um mecanismo essencial na política de contato, incorporação e manutenção destes sujeitos nos círculos de aliança e sociabilidade. Além disso, mais do que meros mimos, estas estratégias de sedução, à luz dos itinerários de viagens, possibilitam identificar as formas como os próprios indígenas faziam leitura destas práticas a partir de seus meios de apropriação. Aceitar presentes não significava a perda ou fragmentação de seus costumes tradicionais – ainda que isso fosse um interesse indigenista. Ou, em contrapartida, recusar um mimo também não fortalecia seus laços ancestrais, pois as dinâmicas de fronteira permitiam as trocas, mesclas e traduções culturais. Inclusive, a adoção de elementos culturais específicos reafirmava as relações de poder, pois, no caso dos caciques, se tornavam sujeitos de prestígio e reconhecimento em ambas as dinâmicas culturais – fossem elas as suas, ou as do ‘outro’.

A ideia de fronteira aqui destacada está embasada nas considerações de Barth (1998), pois, conforme explica o autor, essas dinâmicas permitem observar as situações de contato intercultural sem despersonalizar e usurpar a ação dos grupos indígenas enquanto agentes históricos. Cabe destacar ainda, que o conceito de fronteira está articulado com o elemento étnico, o qual deriva de relações múltiplas e lugares de alteridade, onde ocorrem encontros e desencontros, continuidades e mutações sem que haja uma barreira entre um e outro grupo humano/cultural. Por isso, as trocas culturais (ou de elementos culturais) não limitam ou negam novas formas, pois são as diferenças e as relações com o outro que reafirmam o sentimento de pertencimento. É neste caminho que Santos (2012) comenta que:

Podemos aqui chamar a atenção para a situação de fronteira da região estudada, entendendo esta não apenas como limite físico, mas também como lugar de trocas

recíprocas, mesmo que desiguais, entre diferentes grupos. Entre essas trocas está a apreensão, por parte dos indígenas, de um elemento e traço característico da população colonial brasileira [...]. Uma conjuntura fronteiriça é sempre complexa, pois não podemos mais enxerga-la dicotomicamente. (SANTOS, 2012, p. 23-24)

Aliadas às relações que permeavam as doações de brindes, outros aspectos aguçavam o interesse dos grupos indígenas no tocante ao diálogo com os sertanistas e, por assim dizer, com o governo imperial: as promessas de socorro e proteção; fosse em virtude de nativos hostis ou apresadores, ou também, aos próprios desmandos da política indigenista. Desde modo, pode-se dizer que o jogo de táticas se dava de forma diacrônica, pois, por parte das nações indígenas ficavam as promessas em manter as alianças, ao passo que seus aliados poderiam corroborar com suprimentos de natureza diversa. Um dos pontos observados nas publicações das Jornadas Meridionais, e explicado por Henrique (2017), é que a difusão destes mimos poderia ocorrer em dois vieses: o primeiro, caracterizado pela entrega de presentes destinados aos grupos considerados selvagens que, em geral, se tratavam de objetos que visavam despertar a curiosidade, o interesse, a ganância e aproximá-los dos anseios indigenistas; o segundo, diz respeito aos brindes doados aos sujeitos que já se encontram aldeados, ou tinham firmado relações de aliança, deste modo, esta prática servia enquanto mecanismo de manutenção dos laços.

Dentro deste horizonte, os brindes contavam com a perspectiva de seduzir os nativos, atraí-los para os locais planejados e, a partir destes, buscar a promoção e adequação sociocultural dos povos indígenas por meio da administração das práticas cotidianas nos aldeamentos. Estes espaços passaram a configurar o modelo das povoações civilizadas, ou seja, contavam com igrejas, oficinas, cemitérios e livre comércio. Portanto, é possível considerá-los enquanto ambientes de transição, onde aprenderiam os valores civilizatórios e, em seguida, seriam confundidos com a população – dispensando então, estas formas de tratamento, já que o projeto de civilização havia sido alcançado. Dialogando com esta perspectiva, Amoroso (2006, p. 137) descreve que “o governo imperial esgotava o compromisso da tutela dos índios quando dava por cumprido o projeto de civilização”, noutras palavras, brindes, financiamentos e outros instrumentos destinados especificamente para a sedução dos mesmos.

Partindo destes pressupostos, este texto objetiva apresentar as representações que evidenciam as práticas de sedução e persuasão utilizadas pelos sertanistas em prol da criação de laços de amizade, bem como, em que medida elas foram funcionais, tomando como ponto de partida os vestígios da recepção indígena no tocante a estas situações. Logo, dentro de um contexto indigenista de tensões e violências contra os povos indígenas, seria possível utilizar mecanismos de aproximação e diálogo cultural?

2. As Jornadas Meridionais: sedução e persuasão sertanista

O primeiro itinerário que descreve a doação de brindes é de Elliott, quando destaca que machados, foices, facas, anzóis, espelhos e outras miudezas foram doadas durante os contatos iniciais com os Kaiowás. Segundo este sertanista, a curiosidade destes sujeitos assemelhava-se a de uma criança, pegando os presentes e correndo em direção aos seus para mostrar o que ganharam. Na segunda publicação de Elliott, foram tecidas informações tanto sobre o diálogo com os Kaiowás quanto os Kaingang, o que revela as nuances das formas de recepção não só da figura dos sertanistas em seus cenários culturais, como também, dos objetos destinados a eles. Diante disso, o fragmento abaixo mostra alguns caracteres comuns em relação ao método de sedução dos povos indígenas:

Deu-se-lhe alguns lenços, um mosquiteiro, e outras bagatelas, com que se mostrou apaziguada e a deixámos em paz com os seus pequenos filhos, que podíamos tomar conforme o uso e costume dos sertanistas se não fora nossas convicções, e o cumprimento das terminantes ordens do Sr. barão, que sempre nos recomenda toda a brandura com esta gente a fim de pôr em pratica seu plano de catechese, o que há em parte tem conseguido. (ELLIOTT, 1847, p. 165)

Entre os elementos listados, o que chama a atenção na narrativa se refere a natureza dos brindes doados, afinal, sugere se caracterizar por “aquilo que tinham no momento e que poderiam se desfazer”, por isso, lenços, mosquiteiros ou objetos que não fariam falta, diferenciando-se das miçangas, colares e outros presentes corriqueiros nos contatos entre os Kaiowás com os sertanistas. Inclusive, por se caracterizar enquanto um grupo pequeno e não se fazer referência à sua aldeia ou liderança, pode-se considerar que os personagens acima descritos eram Kaingang, visto que, os encontros com nativos pertencentes a esta nação ocorriam de forma isolada e se gestava a partir de pequenos grupos, formados por 10 ou 15 pessoas, que vagavam pelas trilhas e beiras de rios próximos ao Ivinhema, Tibagi e Ivaí. Outro aspecto sugestivo mencionado por Elliott é o fato de afirmar que deixaria a mulher e as crianças em paz, sinalizando que o seu contato de alguma forma ocasionou receio ao grupo. Este tipo de comportamento poderia estar vinculado ao medo que o processo de apresamento e captura indígena causava naquele contexto, todavia, este dado não é explicado pelo sertanista.

Elliott tece outras informações sobre esta estratégia de sedução, em que relata não só a entrega dos mimos, como também, a recepção dos nativos em relação aos brindes, o que é evidenciado quando destaca que “Pediam por acenos os nossos machados e facões, admirando nossas armas de fogo, das quaes inteiramente ignoravam o uso”, (ELLIOTT, 1847, p. 166). Este fragmento reafirma a curiosidade e o modo como os brindes abriam o caminho para os contatos entre estas esferas culturais, entretanto, traz um dado que é extremamente relevante: a admiração e o interesse indígena em aspectos e objetos específicos, neste caso, as armas de fogo. Outros dados foram arrolados neste breve encontro, quando Elliott (1847) narra que:

Presenteámos estes infelizes brasileiros com ferramentas, roupa, barretes e missangas, acautelando somente as armas de fogo para no caso de qualquer tentativa hostil, e assim nos despedimos: porém nossos presentes não tinham satisfeito sua cobiça, e alguns nos foram acompanhando até que um camarada tendo a imprudencia de ficar um pouco atraz, foi-lhe a clavina arrebatada por um índio, que deu ás ambias com toda a velocidade, não tanto quanto voaria uma das nossas balas, se a quiséssemos empregar, segundo o costume dos bandeiristas; mas o que fizemos foi dar muitas gargalhadas, e apurar o camarada, que ficou bem descontente com a falta da escopeta que o Sr. barão tinha dado para a viagem. (ELLIOTT, 1847, p. 169)

A cena acima descrita impele a pensar em três principais pontos: o primeiro, se deve ao fato de que a estratégia da doação de brindes para a sedução era funcional para iniciar e manter o contato com os povos indígenas; o segundo elemento que pode ser destacado na narrativa, diz respeito à cobiça indígena. Henrique (2017) descreve que estas situações revelam que, assim como os sertanistas e agentes do Império, as nações indígenas aprenderam sobre os interesses do outro e, a partir da leitura que faziam do processo histórico experienciado, utilizavam destes mecanismos de diálogo conforme lhe convinha, fazendo uso das dinâmicas de fronteira conforme seus objetivos particulares eram satisfeitos.

Com efeito, eles sabiam das vantagens que o contato com viajantes, exploradores ou que espaços aldeados poderiam proporcionar a eles, portanto, os grupos que já conheciam as

situações de fronteira não evitavam o diálogo, garantindo sua fonte de brindes. Por fim, o terceiro elemento interessante de se perceber é a reciprocidade de alguns grupos, isto é, não só recebiam como também doavam objetos que fabricavam e alimentos que produziam. Este fato é representado na narrativa de Lopes (1848, p.16), quando conta que, durante a segunda expedição após regressar à aldeia dos Kaiowás, a mando do cacique Libanio, “uma rede de imbirá me foi oferecida para descansar; bem como era presenteado a cada passo por eles com milho assado, cará, tingas, etc.”

Nas palavras de Paiva (2003), as trocas ocorriam de modo rápido e forte, orquestrando a renovação, adaptação e a tradução de especificidades culturais que, mesmo estando no centro desse jogo de trocas, preservavam muito de si. Logo, sertanistas e caciques, vestiam-se enquanto mediadores culturais no seio destas dinâmicas, responsáveis pelo trânsito de elementos, saberes e costumes. Estes personagens, nas formulações teóricas de Gruzinski (1991), são mediadores culturais, ou *passseurs culturels*, definidos como pessoas ou objetos capazes de aproximar, misturar, produzir novos significados ou funções interculturais. Cabe ressaltar que estes sujeitos não só promovem o trânsito de culturas, como também produzem novas configurações por meio de ideias e projetos de um mundo a outro através da mediação entre eles. Neste sentido, a mediação cultural, para Gruzinski (2005), se configura na consonância dos modos de produzir leituras, interpretações e movimentos de mão dupla, que transitam e fazem circular elementos e fragmentos entre uma ou mais culturas, sem necessariamente descaracterizar os agentes que compõem esta dinâmica.

Além do laboratório de adequação e ajustes culturais e biológicos operacionalizados entre eles, remodelaram as paisagens e os trânsitos meridionais. Essa mundialização do interior brasileiro só ocorreu graças às trocas materiais e imateriais que buscavam tornar estes universos mais próximos. Contudo, o que vemos nas narrativas dos sertanistas e que também foi constado por Paiva (2003), é que para que houvesse essa aproximação, as trocas deveriam ser de mão dupla, de “Idas e, também, vindas, [...] apropriações, adaptações, em uma só palavra, trânsito: sem se intensificar tudo isso o projeto de Império, o projeto de conquista [...] estaria fadado ao fracasso”, (PAIVA, 2003, p. 2).

Face as colocações acima, pode-se observar que eram escassas as referências de gêneros alimentícios utilizados pelos sertanistas no processo de sedução, ainda que, tanto a historiografia quanto relatos de outros viajantes e exploradores revelem ser uma prática comum. Partindo destas premissas, apenas três fragmentos, entre as publicações selecionadas, revelam aspectos ligados a troca e circulação de alimentos e de sabores pelos sertões meridionais: de início, quando o barão de Antonina vai até o aldeamento próximo à Colônia Militar de Jataí e presenteia os aldeados ali presentes. Este episódio é narrado por Elliott, o qual descreve que: “O exmo. Barão, acolhendo-os com afago, repartiu entre eles aguardente, fumo, rapadura, sal, roupas, missangas, &c.”, (ELLIOTT, 1847, p. 18). No itinerário de Lopes (1848, p. 331), ao narrar o encontro com os Kaiowás, o sertanista fala que “Ao cabo d’isto abracei-os e comecei a repartir com elles tijollos de rapadura, de que levava uma grande porção”. O terceiro momento é narrado por Elliott, que expõe:

contei-lhes miudamente a abundancia que encontrariam nas margens de florestas do Tibagy, cheias de palmitos, ricas em fructas, caça e mel, e o rio sobejando em peixe, e por fim que iriam ali deparar com a mão protectora e generosa do Pahy Guassú, que os defenderia de seus inimigos, e lhes socorreria em suas necessidades. (ELLIOTT, 1847, p. 342)

O intercâmbio ligado ao paladar, conforme explicita Amoroso (2003), dava-se em virtude de uma mudança no próprio hábito alimentar dos povos indígenas que passavam a consumir produtos da sociedade civilizada. Para tanto, ficavam esperando novas visitas para ter acesso a tais benesses e, aos poucos, iam integrando estes alimentos ao seu cotidiano, exemplo disso, é o uso de sal. Adaptados aos novos produtos alimentícios, havia uma segunda etapa da tarefa colonizadora, a distribuição de roupas e ferramentas de trabalho e, assim, restava a integração enquanto mão de obra e nos valores cristãos.

O paladar era a porta de entrada para o processo de civilização. Acostumá-lo ao gosto indígena era o principal meio para a manutenção dos aldeados e motivação das visitas dos grupos errantes. Dentre os produtos inseridos nessa dinâmica, o sal era o único item que continuou a ser doado aos grupos indígenas, juntamente com o mercúrio para curar as feridas e as ferramentas para ofícios nas lavouras, o restante, deveria ser adquirido com o trabalho. (AMOROSO, 2003, p. 45).

Pautando-se nas exposições de Amoroso (2003), havia instrumentos de sedução específicos a cada etnia indígena no tocante ao paladar: aos Xokleng eram doados cigarros e rapadura; aos Guaranis, Kaiowás e Kaingang era açúcar, aguardente e rapadura, sendo o sal indispensável para ambos. Dialogando com os apontamentos até aqui elencados, é possível pensar que a doação de brindes desvela não só as redes de sociabilidade que se formavam nas brenhas dos sertões meridionais, como o intuito que cada mimo trazia. Logo, entende-se que as roupas serviam enquanto forma de inserir aos poucos os grupos indígenas nos valores e costumes disciplinadores da sociedade envolvente, cobrindo as partes que o pudor mandava esconder. Miçangas, espelhos, bijuterias e objetos menores, convinhavam para fomentar a curiosidade, manter a amizade e alimentar a cobiça. Já as facas, machados e foices eram doados sob duas perspectivas: a primeira, enquanto forma de melhorar a vida dos nativos, demonstrando como a civilização poderia proporcionar elementos que poderiam facilitar suas atividades; a segunda, estava vinculada ao viés de inserção das nações indígenas ao uso de ferramentas e no trabalho, observando a propensão que demonstravam no tocante as demandas dos aldeamentos, colonos e fazendeiros.

Referências

AMOROSO, M. *Conquista do paladar: os Kaingang e os Guarani para além das cidadelas cristãs*. Tempo Brasileiro, 2003. (Artigo em periódico Digital).

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J. (Org.) *Teorias da Etnicidade*. São Paulo; Editora da UNESP, 1998. (Capítulo de livro).

ELLIOTT, J. H. Resumo do itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema e seus afluentes, pelo Paraná, Ivaí, e sertões adjacentes, empreendida por ordem do Exmo. Sr. Barão de Antonina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. IX, p. 17-42, 1847. (Artigo em Periódico Digital).

_____. Itinerário das viagens exploradoras empreendidas pelo Sr. Barão de Antonina e o Baixo Paraguai na província de Mato Grosso: feitas nos anos de 1844 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descritas pelo Sr. João Henrique Elliott. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, T. X, 1848. (Artigo em Periódico Digital).

_____. A Emigração dos Cayuáz. Narração coordenada sob os apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliott, pelo sócio effectivo, o Sr. Brigadeiro J.J. Machado de Oliveira. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, T XIX, 1856. (Artigo em Periódico Digital).

GRUZINSKI, S. Passeurs y elites católicas em las Cuatro Partes del Mundo: los inicios de la mundialización (1580-1640). In: GODOY, S. O.; SALAZAR-SOLER, C. (ed). *Passeurs, mediadores culturales y agentes de la primera globalización en el Mundo Ibérico, siglos XVI-XIX*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Instituto Riva-Agüero, Instituto Francés de Estudios Andinos, 2005. (Capítulo de livro).

_____. *La colonización de lo imaginario: sociedades indígenas y occidentalización en el México español - siglos XVI-XVIII*. Mexico, DF: Fondo de Cultura Económica, 1991. (Capítulo de livro).

HENRIQUE, M. C. *Presente de branco: a perspectiva indígena dos brindes da civilização*. Revista Brasileira de História, São Paulo, 2017. (Artigo em Periódico Digital).

LOPES, J. F. Itinerário de Joaquim Francisco Lopes encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a província de São Paulo e a de Mato Grosso pelo Baixo-Paraguai. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. XIII, p. 315-335, 1850. (Artigo em Periódico Digital).

OLIVEIRA, J. C. *(Des)Caminhos das Jornadas Meridionais: representações indígenas e estratégias de mediação cultural no contexto indigenista e meados do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2018. (Dissertação).

PAIVA, E. F. & ANASTACIA, C. M. J. (orgs.) *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver, os séculos XVI a XIX*. 2ª ed. São Paulo: Annablume: Belo Horizonte, 2003. (Capítulo de livro).

SANTOS, J. S. *Métodos classificatórios dos indígenas do Brasil do pós-contato: uma rápida revisão bibliográfica*. Revista Tarairú, Campina Grande, Ano III – Vol.1 – N. 04 – Abr/Mai de 2012. (Artigo em Periódico Digital).